Documentos

ISSN 1678-1953
Março, 2008
133

Capacitação Solidária das Catadoras de Mangaba

Embrapa

ISSN1678-1953
Março, 2008

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agropecuária dos Tabuleiros Costeiros
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Documentos 133

Capacitação Solidária das Catadoras de Mangaba

Autores:
Dalva Maria da Mota
Josué Francisco da Silva Júnior
Emanuel Oliveira Pereira
Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues
Nádia Batista de Jesus
Heribert Schmitz
Jane Velma dos Santos

Aracaju/SE
2008

Disponível em: http://www.cpatc.embrapa.br/index.php?idpagina=fixas&pagina=publicacoesonline

Embrapa Tabuleiros Costeiros
Av. Beira Mar, 3250, Aracaju, SE, CEP 49025-040
Caixa Postal 44
Fone: (79) 4009-1300
Fax: (79) 4009-1369
www.cpatc.embrapa.br
sac@cpatc.embrapa.br

Comitê Local de Publicações

Presidente: Ronaldo Souza Resende
Secretária-Executiva: Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues
Membros: Semíramis Rabelo Ramalho Ramos, Júlio Roberto Araújo de Amorim, Ana da Silva Lédo, Daniel Luis Mascia Vieira, Maria Geovânia Lima Manos.

Supervisora editorial: Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues
Editoração eletrônica: Sandra Helena dos Santos

1ª edição

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Embrapa Tabuleiros Costeiros

Capacitação solidária das catadoras de mangaba : relatório / Dalva Maria da Mota ... [et al.]. -- Aracaju : Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2008.
38 p. : - (Documentos / Embrapa Tabuleiros Costeiros, ISSN1678-1953; 135).

Disponível em: http://www.cpatc.embrapa.br/index.php?idpagina=fixas&pagina=publicacoesonline

1. Desenvolvimento rural. 2. Capacitação. 3. Desenvolvimento sustentável . 4. Mangaba - Sergipe. 5. Catadora – Sergipe. 6. Relatório. I. Mota, Dalva Maria da. II. Silva Júnior, Josué Francisco da. III. Pereira, Emanuel Oliveira. IV. Rodrigues, Raquel Fernandes de Araújo. V. Jesus, Nádia Batista de. VI. Schmitz, Heriber. VII. Santos, Jane Velma dos. VIII. Título. IX. Série.

CDD 630.81

Autores

Dalva Maria da Mota
Doutora em Sociologia; Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, Belém-PA; Bolsista de Produtividade do CNPq;
dalva@cpatu.embrapa.br

Josué Francisco da Silva Júnior
Mestre em Fruticultura Tropical; Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju-SE;
josue@cpatc.embrapa.br

Emanuel Oliveira Pereira
Mestre em Agroecossistemas; Engenheiro Agrônomo do Incra/SE, Aracaju-SE;
moabop@uol.com.br

Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues
Mestre em Agorecossistemas; Analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju-SE;
raquel@cpatc.embrapa.br

Nádia Batista de Jesus
Mestranda do Núcleo de Estudos do Semi-árido, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE;
njesus331@yahoo.com.br

Heribert Schmitz
Doutor em Ciências Agrárias, Professor de Sociologia;
Universidade Federal do Pará, Belém-PA; Bolsista de
Produtividade do CNPq;
heri@amazon.com.br

Jane Velma dos Santos
Mestre em Agroecossistemas; Bióloga da Administração
Estadual de Meio Ambiente, Aracaju-SE;
velma@infonet.com.br

Apresentação

O presente relatório reúne o registro de todas as atividades realizadas nas Capacitações Solidárias das Catadoras de Mangaba de Sergipe, que compõem o projeto Capacitação solidária para a conservação dos remanescentes de mangabeiras pelas populações tradicionais no Estado de Sergipe, financiado pelo CNPq e Embrapa. Os eventos ocorreram no período de 3 a 7 de março de 2007, nos Municípios de Barra dos Coqueiros, Pirambu e Indiaroba, no Estado de Sergipe.

O objetivo geral das Capacitações foi socializar experiências e mobilizar as catadoras para a ação frente os atuais problemas de ameaças ao extrativismo da mangaba e destruição da biodiversidade, consequentemente, dos saberes e práticas acumulados secularmente.

A metodologia das Capacitações privilegiou a troca de experiência entre as catadoras sobre o cotidiano do trabalho no extrativismo, como também, o levantamento de problemas enfrentados com as possíveis alternativas de solução. Com este encaminhamento, atores com diferentes experiências dialogaram sobre as melhores práticas de conservação da biodiversidade e dos seus modos de vida.

As Capacitações se mostraram como um evento de fundamental importância tendo em vista que pela primeira vez na história do Brasil as catadoras de mangaba reuniram-se para intercambiar experiências e discutir as suas vivências enquanto extrativistas, crescentemente ameaçadas, não obstante à contribuição das mesmas para à reprodução social das suas famílias e para à conservação da biodiversidade nas regiões de ocorrência das mangabeiras.

Este relatório é composto por quatro partes, dentre as quais introdução, metodologia, relatos dos trabalhos de grupos por município e anexos contendo, entre outros, a relação de participantes e fotos do evento.

Espera-se que as informações aqui constantes sejam tomadas como um anúncio de reivindicação da defesa das condições de trabalho e de vida de centenas de famílias sergipanas.

Sumário

APRESENTAÇÃO.....5

1.INTRODUÇÃO.....10

2.METODOLOGIA.....11

3.RELATO DAS CAPACITAÇÕES SOLIDÁRIAS.....13

3.1.Povoado Capuã, Barra dos Coqueiros: ameaças e perseguições.....13

3.2.Povoado Alagamar, Pirambu: uma aparente tranqüilidade.....18

3.3.Povoado Pontal, Indiaroba: catadoras em conflito.....27

ANEXO I – ROTEIRO DAS CAPACITAÇÕES.....43

ANEXO II – LISTA DE PARTICIPANTES.....46

ANEXO III – FOTOS.....49

ANEXO IV – CARTA AO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL.....52

ANEXO V – MOÇÃO DE APOIO ÀS CATADORAS DE MANGABA DA BARRA DOS COQUEIROS.....56

ANEXO VI – EQUIPE COORDENADORA DA CAPACITAÇÃO SOLIDÁRIA.....57

Capacitação Solidária das Catadoras de Mangaba

Dalva Maria da Mota
Josué Francisco da Silva Júnior
Emanuel Oliveira Pereira
Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues
Nádia Batista de Jesus
Heribert Schmitz
Jane Velma dos Santos

RELATÓRIO

1. INTRODUÇÃO

A crescente valorização da mangaba, fruta nativa do litoral do Nordeste e cerrados do Brasil, no mercado regional contrasta com a avassaladora onda de privatização das áreas remanescentes de mangabeiras, quase extintas em alguns estados do Brasil, mas ainda significativas em outros. Esse é o caso de Sergipe, onde 90% de toda a fruta comercializada provem das áreas nativas nas quais populações tradicionais praticam o extrativismo há séculos.

Em decorrência, as populações tradicionais locais responsáveis pela conservação in situ das plantas e portadoras de saberes e formas de manejo construídas secularmente na estreita relação com o recurso (plantas), encontram-se sob ameaça de perda de uma das suas principais fontes de renda em virtude da pressão exercida pelos proprietários das áreas naturais de mangabeiras que as utilizam, cada vez mais, para o cultivo de coqueiro, cana-de-açúcar e outras atividades agrícolas, construção de infra-estruturas turísticas, loteamentos e viveiros de camarão, atividades cuja implantação dependem do corte das mangabeiras.

Essas comunidades se reconhecem como populações tradicionais e se auto-denominam "catadoras de mangaba", o que originou o registro na literatura nacional por Mota & Silva Júnior (artigo científico publicado na revista Raízes, em 2003). As catadoras de mangaba subsistem graças aos recursos fornecidos pela restinga e tabuleiros (mangaba e outras frutas nativas e naturalizadas), pelo manguezal (crustáceos e moluscos) e pelo mar (peixes).

Recentemente, a situação tem se agravado em função das iniciativas que estimulam o cultivo das mangabeiras por proprietários das terras onde tradicionalmente as catadoras catam os frutos nas plantas nativas. Em 2007, registrou-se a ocorrência do corte de todas as plantas nativas de uma área aberta para plantio de novas mangabeiras, desta feita cercadas e com uso exclusivo do proprietário. Em paralelo a esse tipo de iniciativa, instituições públicas do governo estadual têm discutido alternativas para a cadeia produtiva da mangaba, mas com pouco envolvimento das catadoras.

A Embrapa, por meio das suas Unidades — Embrapa Tabuleiros Costeiros e Embrapa Amazônia Oriental — em parceria com a Universidade Federal do Pará, vêm executando três grandes projetos, financiados com recursos próprios e do CNPq, que visam ao mapeamento e conservação dos recursos genéticos da mangabeira, bem como ao estudo das populações tradicionais de catadoras e seu papel na conservação desses recursos.

Em que pesem as diferentes iniciativas, as áreas naturais estão sendo dizimadas e as catadoras de mangaba se vêm diariamente sob a ameaça de perder a fonte que assegura 60% dos seus rendimentos anuais. Com isso, está em perigo de extinção um modo de vida e a biodiversidade existente na restinga e nos tabuleiros costeiros, conservada até os dias atuais graças às práticas dessas catadoras. Agrava a situação o fato de que as catadoras não têm sido escutadas e portanto não têm chamado a atenção da sociedade para a sua importância e para as crescentes ameaças que as cercam. Nas palavras de uma catadora do Povoado Pontal, em Indiaroba, SE: "Nós nunca fomos ouvidas, nós queremos ser ouvidas".

Diante disso, foram realizadas diferentes iniciativas dentre as quais a Capacitação Solidária em três municípios do Estado de Sergipe para proporcionar a troca de experiência entre as catadoras sobre o cotidiano do trabalho no extrativismo, como também, o levantamento de problemas enfrentados com as possíveis alternativas de solução.

A metodologia das Capacitações constou de diferentes dinâmicas que privilegiaram o intercâmbio de experiências das catadoras de mangaba que habitam em diferentes partes do litoral sergipano. Trabalhos em pequenos grupos objetivaram debater a situação presente e elencar iniciativas para ações futuras. Em plenária, um relator de cada grupo apresentou a síntese das discussões. Os principais resultados da capacitação estão aqui registrados.

2. METODOLOGIA

A idéia de realizar uma capacitação de modo diferenciado com as catadoras de mangaba surgiu depois de inúmeros contatos nos quais ficou comprovado o grande acúmulo de saberes e práticas das mesmas quanto à reprodução e conservação das plantas, assim como, da coleta da fruta. Tendo em conta essa realidade, optou-se por uma metodologia na qual as catadoras socializariam as suas experiências visando a reforçar práticas conservacionistas e refletir sobre as atuais ameaças. Com isso, houve uma ruptura do modelo no qual os técnicos e pesquisadores ensinam e as catadoras aprendem. Na capacitação solidária todos os participantes ensinaram e aprenderam.

A Capacitação Solidária com as catadoras de mangaba do Estado de Sergipe foi realizada em três momentos diferentes: o primeiro, na cidade de Barra dos

Coqueiros, reuniu catadoras e catadores desse município, no dia 03 de março de 2008, no Centro do Bem Estar da Mulher; o segundo evento aconteceu no dia 04 de março de 2008, na Associação de Moradores do Povoado Alagamar, no Município de Pirambu, reunindo, além de catadoras e catadores de Alagamar e dos Povoados Santa Isabel e Pau Seco, localizados em Pirambu, participantes dos Povoados Sapucaia e Porteiras, no Município de Japaratuba e do Povoado Carro Quebrado, Município de Japoatã; o terceiro e último momento se deu no Povoado Pontal, Município de Indiaroba, no Centro Comunitário "José Martins do Nascimento", no dia 07 de março de 2008.

A metodologia proposta priorizou a participação, bem como a valorização e o resgate das experiências e dos conhecimentos acumulados pelas catadoras de mangaba. Para facilitar a dinâmica e a construção coletiva do aprendizado, além das atividades em plenária, com a participação de todos os presentes, os participantes foram divididos em quatro grupos de discussão, cada um tratando de um tema diferente, quais sejam: Grupo 1) Acesso ao recurso; Grupo 2) Gestão do recurso; Grupo 3) Colheita, pós-colheita e transporte da mangaba; e Grupo 4) Comercialização. Cada grupo teve um coordenador, responsável pela orientação e registro das discussões, além de um relator, o qual apresentaria os resultados do trabalho à plenária, logo após a conclusão dos trabalhos em grupo.

Com exceção do evento realizado no Povoado Alagamar, nas outras localidades a metodologia proposta sofreu ajustes em função da conjuntura de cada local. Assim, em Barra dos Coqueiros, o conflito envolvendo catadoras e proprietários da principal área extrativista gerou dificuldades de mobilização, reduzindo o número de presentes, ficando inviável aplicar a metodologia proposta. Assim, a problemática central da área, relacionada ao acesso aos recursos extrativistas, dominou todo o evento.

Já no Povoado Pontal, os grupos de trabalho sofreram uma pequena alteração, com a fusão dos grupos 3 e 4, além de ocorrer a incorporação de uma temática específica, relacionada à criação de uma Reserva Extrativista no Litoral Sul do Estado, proposta pelo Ibama/Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e em fase de estudo.

Em todos os três momentos da capacitação foram prestados informes e retirados encaminhamentos para as questões específicas e gerais relacionadas à atividade extrativista e ao fortalecimento do Movimento das Catadoras de Mangaba (MCM).

3. RELATO DAS CAPACITAÇÕES SOLIDÁRIAS

3.1. Povoado Capuã, Barra dos Coqueiros: ameaças e perseguições

Número de participantes: 17

Esclarecimentos e informes iniciais

A Abertura da reunião foi feita por Dalva Mota, saudando a todos e informando o motivo de estarem ali reunidos, bem como nas outras localidades onde também ocorreriam as capacitações. Em seguida, todos foram convidados a se auto-apresentarem, dizendo o nome, o que faziam e de onde vinham.

Durante as apresentações, a maioria salientou a dificuldade de acesso às mangabeiras, devido à proibição de catar no Sítio São José do Arrebancado (conhecido como Felizola), problema que somente não atinge àquelas que catam em sítios próprios ou em sítios de vizinhos, através do sistema de meia.

Em seguida, Dalva e Josué Francisco fazem um resgate do Encontro das Catadoras de Mangaba do Estado de Sergipe, realizado na Embrapa, em novembro de 2007, em Aracaju, SE e dos acontecimentos posteriores, destacando o interesse pela pesquisa com a mangaba, bem como os lugares da pesquisa e ressaltando as diferenças e especificidades de cada lugar, como práticas e problemas.

Também foi relembrada a presença e a mensagem de dona Maria Alaíde, quebradeira de coco babaçu no Maranhão, durante o Encontro das Catadoras de Sergipe, com destaque para os seguintes pontos:

1) No Movimento, a conquista não é rápida, não é uma luta rápida, mas uma luta árdua. A Lei do Babaçu Livre se deu com luta e organização das pessoas, onde muitos morreram pela causa e que hoje já existe uma produção e exportação de produtos do coco babaçu;

2) Os grupos, no Encontro em Aracaju, colocaram os seus problemas. A carta do Movimento com as reivindicações e um relatório foram enviados às autoridades no Brasil. Foi formada a Comissão para levar adiante a luta das catadoras com representantes de cada município.

3) A necessidade de articulação com governos municipal e estadual e não esperar apenas pelos membros do projeto.

Na seqüência, informam quais as populações são consideradas pelo governo federal como tradicionais, citando as quebradeiras de coco babaçu, pescadores artesanais, ribeirinhos, quilombolas, entre outros, e como essas populações estão organizadas. Destacam a necessidade das catadoras se tornarem conhecidas e que o presente projeto de pesquisa vem ajudando nesse sentido, pois, a partir dele, passou-se a escrever sobre a existência das catadoras e a sua problemática.

Na Reunião da Comissão Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT), realizada em Salvador, BA, foi de suma importância que as catadoras de mangaba participassem e fizessem parte da comissão desses povos. Assim, além de Josué e Dalva, se fizeram presentes Edilma (Barra dos Coqueiros), Ninha (Pirambu) e Alícia (Indiaroba), uma vez que foram eleitas para a Comissão do MCM. O encontro em Salvador foi organizado pelo Governo Federal, através do Ministério de Desenvolvimento e Combate à Fome e do Ministério do Meio Ambiente.

Destacam a importância da inclusão das catadoras como população tradicional e a representação da Comissão junto ao Governo Federal e que essas reuniões acontecem várias vezes ao ano. As populações tradicionais são populações protegidas por lei federal e não podem perder o acesso aos recursos, no caso, às mangabeiras. Alertam que a perda acontece quando não há mobilização.

Edilma informou como foi à reunião em Salvador e relatou sobre a situação das catadoras de mangaba no Estado de Sergipe.

A não garantia de acesso aos recursos e ausência de coordenação

Hoje, a realidade da Barra dos Coqueiros é totalmente diferente daquela encontrada no ano passado (2007), pois grande parte das catadoras não está tendo acesso ao local onde antes catavam mangaba, no caso, o Sítio Felizola.

A partir da socialização dessas informações, por consenso, os participantes decidiram discutir o principal problema das catadoras da Barra dos Coqueiros,

resgatando como se deu o fechamento da área, onde, tempos atrás, o acesso era livre e a proibição de entrada ocorreu a partir da iniciativa do dono em vender a terra.

Relatam que a iniciativa de solicitar ao Incra a desapropriação da área partiu do Sr. Gilvânio Melo Albuquerque, à época Secretário Municipal de Turismo, que iniciou o movimento, articulando com o Sebrae, Emdagro, Ibama, Embrapa, Conab, Prefeitura de Barra dos Coqueiros e Incra. Albuquerque foi quem reuniu as pessoas para irem ao Incra. As atas e documentos ficaram sob seu poder, apesar de não estar mais envolvido com o Movimento, inclusive, tendo afirmado, na última reunião que participou, que o projeto não seria aprovado, que só ficaria no papel.

Uma catadora conta que quase não pode mais entrar no Sítio Felizola; não pode participar de reunião; que quem estiver no Movimento é impedido de entrar no sítio; quem precisa e quem vive disso tem que mentir; tem que dizer que não faz parte.

Um dos presentes, Edson, informou sobre a criação de uma Associação de Catadores de Mangaba de Barra dos Coqueiros e que ele foi escolhido pelas catadoras como presidente.

Em função da realidade encontrada em Barra dos Coqueiros, bem como de questionamentos sobre a falta de convite à Prefeitura e à ausência de outras secretarias municipais e de outros órgãos, como mencionado pela Sra. Maria José (Zizi) e Conceição, respectivamente Secretária e servidora da Secretaria Municipal de Turismo, as quais estavam participando do evento de capacitação na condição de observadoras, a coordenação do evento prestou os seguintes esclarecimentos: 1) a Prefeitura Municipal de Barra dos Coqueiros foi convidada para o I Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe, realizado no final do ano passado em Aracaju e que este momento era uma capacitação solidária das catadoras; 2) o Movimento é independente, é das catadoras de mangaba e a participação da Embrapa se deve a um projeto de pesquisa que contempla a capacitação solidária das catadoras, sendo necessário refletir sobre alguns temas, como:

- O que é o Movimento?

- Qual a participação das pessoas?

- O empoderamento está acontecendo?

Ainda foi salientado que o gerenciamento do Movimento tem que ser local e que a reflexão da situação das catadoras deve ser feita pelos envolvidos diretamente com a problemática, no caso as próprias catadoras. É importante saber quais os papéis de cada ator, de cada órgão/instituição, das pessoas e o que querem no Movimento.

A coordenação do projeto, diante do quadro existente na Barra dos Coqueiros entendeu que estão existindo iniciativas de todos os lados e a situação é de fragilidade e ausência de comunicação e coordenação. Com que ONGs irão fazer manifestação no Incra? As pessoas sabem o que irão fazer lá? Quem são as pessoas que articularam as ações? O que precisam saber fazer? O que mais as catadoras precisam saber? Essas perguntas foram colocadas para as catadoras.

Os órgãos têm serviços e o que as pessoas querem dos órgãos? Falta união e definição de quem representa o grupo? A fábrica (de polpas em Pirambu) é apenas um elo da cadeia produtiva e parte do processo. Quem de verdade fala pelas catadoras (as que são realmente extrativistas)?

Foi ressaltado que o programa da Secretaria da Agricultura de Sergipe (SAGRI) não privilegia as catadoras de mangaba. Deve-se pensar sobre todos os pontos da cadeia e não apenas um ponto. Por exemplo, não tem como distribuir mangaba para a fábrica sem ter onde catar mangaba.

Expectativas

As expectativas, expressas nas falas dos participantes, assinalam que:

1. O acesso às mangabeiras não pode ser apenas para algumas catadoras;

2. Deve acontecer a liberação do Sítio Felizola para catar mangaba;

3. É imprescindível união das pessoas;

4. É necessária a mobilização junto ao Incra e outros órgãos.

Escolha dos representantes

Na seqüência, os presentes discutiram sobre quem representa, hoje, as catadoras de mangaba da Barra dos Coqueiros. Essa representação deve se dar de forma articulada com a Comissão Estadual que tem a catadora Edilma como represen-

tante da Barra dos Coqueiros. Após a exposição e discussão de critérios e características dos representantes, foram escolhidos, além de Edilma, Branca e Edson.

Encaminhamentos imediatos

Os participantes listaram algumas ações imediatas que devem ser encaminhadas pelos representantes, sendo as responsabilidades distribuídas, conforme demonstrado no quadro síntese a seguir:

Encaminhamento	*Responsável*
Ir ao Incra a fim de buscar informações sobre a situação do Sítio Felizola	Edilma e Edson
Contatar o Sr. Gilvânio Melo Albuquerque para recuperar documentos relacionados aos catadores (cobrar da Secretaria Municipal de Turismo) e saber se ele continua no Movimento	Edson
Saber a realidade das catadoras em outros locais do Estado	Todos
Identificar os papéis de cada um	Todos
Buscar apoio de movimentos locais, ONGs e instituições	Edson
Participar das reuniões do grupo da cadeia produtiva da mangaba do Litoral Norte	Edson
Manter as catadoras informadas de tudo que acontece	Branca
Contatar Ibama, Adema e Prefeitura Municipal de Barra dos Coqueiros	Edson
Reconhecer juridicamente o Movimento.	Branca, Edilma e Edson
Manter e atualizar arquivo	Edson
Participar das reuniões	Edson

Avaliação

Os depoimentos ressaltaram a importância da atualização das informações sobre a situação das catadoras de mangaba, especialmente sobre o Sítio Felizola, assim como sobre os encaminhamentos retirados no Encontro. Uma das presentes ressaltou que ficou sabendo de muitas coisas que não sabia, e que gostaria da presença de muito mais catadoras e que ficou triste pelo número pequeno de participantes.

3.2 - Povoado Alagamar, Pirambu: uma aparente tranqüilidade

Número de Participantes: 45

Esclarecimentos e informes iniciais

A Abertura da atividade de capacitação foi feita por Dalva, que saudou a todos informando o objetivo do encontro de capacitação. Após se apresentar, solicitou aos presentes que fizessem o mesmo.

Após uma breve apresentação dos participantes, a coordenação expôs a situação vivenciada pelas catadoras em Barra dos Coqueiros, no que se refere ao acesso às mangabeiras nativas do Sítio Felizola, solicitando a Edson, convidado daquele município que relatasse aos presentes a atual conjuntura de lá, o que foi feito em rápida exposição sobre como as catadoras estão sendo impedidas de catar mangaba e garantir a sua sobrevivência.

Em seguida, de acordo com a metodologia proposta, os presentes foram divididos em quatro grupos de trabalho com seus respectivos coordenadores por: Grupo 1) Acesso ao recurso - Dalva; Grupo 2) Gestão do recurso – Josué; Grupo 3) Colheita, pós-colheita e transporte – Nádia Batista; e Grupo 4) Comercialização – Emanuel Oliveira.

Antes do início dos trabalhos de grupo, uma das catadoras presentes usou da palavra declarando que “antes era fácil catar, hoje é diferente, os donos cercam. Hoje tá diferente e que para melhorar seria preciso que as catadoras se juntassem e que os governos dessem uma área, ou como os sem-terra, deviam invadir”.

Dos trabalhos de grupo, além das catadoras dos Municípios de Pirambu e de Japaratuba, participaram das discussões durante todo o encontro, Edson, presidente da Associação dos Catadores de Barra dos Coqueiros e José dos Santos, Presidente da Associação de Moradores do Povoado Alagamar. Desse momento não participaram as catadoras do Povoado Carro Quebrado, em Japoatã, por terem chegado atrasadas, no final do almoço, em virtude do motorista que as conduzia ter tido dificuldade em encontrar o caminho correto até o Povoado Alagamar.

Resultados das discussões nos grupos de trabalho

Após as discussões nos grupos, os resultados foram relatados em plenária, os quais são destacados a seguir, resguardando a forma de apresentação de acordo com a dinâmica acordada em cada grupo:

1) Grupo 1. Acesso ao recurso

Alagamar (Pirambu):

Algumas têm acesso tranqüilamente porque têm terra, outras catam em terreno dos outros, mas não têm tido problema. Mesmo quem colocou cerca não tem proibido, porque as catadoras não cumpriram a ordem, mas o proprietário não se incomodou.

Santa Isabel (Pirambu):

A cata é feita em área livre, porém cercada. Tem dono, mas ele não proíbe e nem cata a mangaba, eles "não dão nem vencimento". Só se tiver mangabeira perto da casa é que não colhem nas outras áreas.

Porteiras (Japaratuba):

Antes tinha muita área livre. De um tempo para cá, algumas pessoas cortaram para impedir que as catadoras entrassem ou para plantar coqueiro. Mesmo assim, existem áreas livres onde pegam. Mas também compram a produção (às vezes o dono apanha e às vezes a catadora apanha).

O acesso está garantido?

O acesso não está garantido porque cada ano que passa está ficando mais difícil. A explicação é que a mangaba é valorizada, vale dinheiro.A tendência é acabar as mangabas e a gente não pode dizer nada porque é deles.

O que impede o acesso?

O cercamento das áreas e quando os donos resolvem apanhar eles mesmos.

O que garante o acesso?

Quando a pessoa tem seu próprio sítio. O acesso seria garantido se tivesse um grupo das catadoras com acesso a uma área com mangaba e com espaço para plantar mais. O MCM devia pedir ao governo para liberar umas áreas que tivesse mangaba pras catadoras. Essa área devia ser “mandada” pelas catadoras.

2) Grupo 2. Gestão do recurso

A mangaba dá em "caatinga" (lugar de areia). Em barro, não dá.

Quando a mangaba é plantada em roça, dá mais.

Só se planta mangaba na roça. Nas “caatingas”, tem muito pé novinho, porque as velhas se acabam. Quando o pé é velho demais e toca fogo ele não rebrota.

Tirar mangaba é de família. Tem gente que tem mais de 70 anos nesse trabalho.

As catadoras não fazem nada para zelar as mangabeiras das “caatingas”, só o povo que tem na roça. Elas sabem que quanto mais zeladas, mais elas botam.

Quando bota fogo, as mangabas carregam mais, mas as catadoras não botam fogo. Quando bota fogo só é bom no primeiro ano, porque a mangaba produz muito. Se der uns talhos no tronco da mangabeira mais ela bota, mas os cortes têm que ser de leve.

"Quanto mais judiar da mangabeira mais ela bota". É igual à mangueira e jaqueira quando enfia um prego.

Quando a gente sobe nas galhas, tem que subir com cuidado, mas é difícil, às

vezes as galhas se quebram. "Quando quebro um galho, eu peço até desculpa à mangaba" (Ninha).

Tem que ir apanhar mangaba vestida, porque pode rasgar a pele nas “caatingas” e nos pés de mangaba. E ir de chinelo e não de pés descalços.

Tem mangabeira que dá um "enxerto" (erva-de-passarinho) e aí tem que tirar, senão ela mata o pé de mangaba. Mesmo nas áreas que não têm dono, as catadoras tiram os galhos secos e os "enxertos". Não limpam embaixo porque a terra não é delas, mas às vezes limpam um pouco para pegar as mangabas do chão.

As catadoras sobem no pé com um saco (de farelo ou náilon) e tiram a mangaba com a mão. Após tirarem a mangaba “paé” (“de vez”), cobrem com papel ou jornal ou folha de mato (de uma planta chamada fonte). No jornal, é melhor para levar ao mercado, mas as catadoras preferem as folhas de mato porque não grudam na casca e não têm micróbio.

As mangabas “de caída” se apanham nos sítios. Nas “caatingas” elas deixam pra lá, porque é longe para trazer e machucam.

Quando as mangabas no chão ficam podres, elas nascem ou as lagartas comem.

As mangabas de caída são poucas e têm melhor preço nas feiras livres. Para as sorveterias é tudo a mesma coisa.

Se colher verde não amadurece. Tem gente que para apanhar muitos baldes, colhe verde. Quem não conhece, colhe as verdes, mas isso acontece mais entre as crianças. As mulheres ficam muito preocupadas e não colhem verdes de jeito nenhum.

Animais que se alimentam de mangaba são o migongo, formiga, lagartas, vaca, galinha, passarinhos, raposa (come também aricuri e coco-de-raposa) e cutia.

"Triste de nós se os bichos não deixassem o caroço, porque é daí que sai a mangaba".

O “leite” da mangaba é bom para a saúde (dor de queda, pancada e gastrite). Se não souber tirar, a mangabeira morre. Para gastrite, deve tirar o leite de manhã cedo. Tira o leite com um copo de água e com um pano para coar.

"Tirar o leite é pior do que quebrar os galhos". O litro de leite é R$ 25,00 (vinte e cinco reais).

Nas "caatingas", as plantas que ocorrem junto à mangabeira são: cajueiro, muricizeiro, manipuçá, carrasco, maçaranduba, caxindó (tipo de coco), cambucá, cambuí, araçá, coco-da-caatinga, tucum, cabeça-de-frade, olho-de-boi, jatobá, amescla, araticum, gravatá, cabocla, murta, bacupari, marmelada, mama-de-cachorra, capim, espinho alma-de-boi.

Licuri não dá nas “caatingas”, ele prefere mais o barro.

"É melhor ter uma área só com mangabeira, mas não é certo só ter a mangaba, porque assim acaba com as nossas outras frutas".

“Às vezes tem uns pés que a gente marca porque dá mais, mas a gente colhe em tudo”.

Quanto à época das mangabas, tem tempo que dá e tem tempo que não dá. As mangabas de botão são as de verão e dão de novembro até março. As mangabas de flor são as de inverno e dão de maio a julho, porque chove e cai muita flor e fruto.

Existem dois tipos de mangaba, a mangaba branca e a mangaba vermelha. O povo prefere a mais clara. Tem pé que bota mangaba vermelha e tem pé que bota mangaba branca e ainda tem pé que bota as duas, mas as folhas são as mesmas.

Tem pé que bota a mangaba-pera comprida (mangaba oval) e não dá mangaba redonda. É a mangaba-peito-de-moça.

Aqui ninguém corta pé de mangaba. Se a gente ver reclama. “Isso é um crime!”

O cupim mata muito pé de mangaba.

Mangaba não gosta de água e quando chove, o fruto amadurece mais rápido.

3) Grupo 3. Colheita, pós-colheita e transporte

Melhor forma de catar mangaba

O melhor jeito é com gancho. Algumas pessoas colocam pano no gancho para retirar a mangaba e não sujá-la de areia, uma vez que a areia junto com o leite gruda e fica difícil limpá-la.

O leite da mangaba deve ser limpo logo, entre 10 a 15 minutos, pois interfere na cor da mangaba. A mangaba que não é limpa logo não é uma boa mangaba para comercializar.

Segundo as catadoras, a maré alta ou baixa interfere no tempo de secagem do leite da mangaba, ou seja, na maré alta, o leite seca mais lentamente e na baixa, a secagem do leite é mais rápida. Por isso deve ser limpa logo. Para quem tem terreno próprio, é fácil catar mangaba com um balde d'água, mas para as catadoras que percorrem longas distâncias é inviável. Durante o momento da cata é melhor o uso de balde plástico. Após catar, os frutos devem ser passados do balde plástico para um cesto, para fazer o transporte até o local de armazenamento;

A mangaba vermelha é mais difícil de ser identificada quando está no ponto certo de colheita. Esta deve ser colhida apenas quando o vermelho do fruto começar a diminuir e passa a ficar amarela.

A mangaba do verão é mais sadia do que a do inverno, pois, no geral, no inverno, muitas são perdidas porque não amadurecem por igual, ficando o fruto duro.

Pós-colheita

Deve-se ter cuidado especial nessa fase e o armazenamento deve ser em local bastante limpo, arejado e na sombra. O chão onde serão colocadas as mangabas deve ser forrado com pano ou esteira, preferencialmente, com um pano. Caso seja necessário, forra-se primeiro com um saco de náilon ou esteira e por cima coloca-se um pano, principalmente em casas que ainda não são de piso cimentado.

Durante o armazenamento, os frutos precisam ser separados de acordo com o estado de amadurecimento e dia de cada coleta. Nunca misturar o fruto verde com o maduro.

À noite, os frutos devem ser cobertos com um pano mais fino do que o forro do piso, tendo-se o cuidado de não colocar nada que possa arranhar ou machucar

as mangabas. Logo pela manhã, o pano deve ser retirado.

As mangabas "bichadas" por algum inseto devem ser retiradas. Sendo o local adequado para o armazenamento, as mangabas podem ficar por três dias sem danificar a qualidade do fruto.

Transporte

Durante o transporte, é muito importante não colocar um cesto por cima do outro. Apenas as caixas de plástico apropriadas, que têm o local do encaixe, é que podem ser colocadas umas sobre as outras. As caixas e/ou cestos devem ser cobertos para evitar contato ou serem derrubadas com algum impacto e cair ao chão. Os baldes devem ser bastante limpos e o seu interior pode ser forrado com um plástico.

Durante o transporte para o local de comercialização, as mangabas colhidas mais recentes devem ser colocadas primeiramente, portanto ficando em baixo no cesto e/ou balde aquelas que foram colhidas primeiramente.

4) Grupo 4. Comercialização

Qual a melhor forma de vender?

"Já vendi muito em Aracaju".

"Acho melhor entregar para alguém vender, pois quando vou vender diretamente, gasto transporte. Só de transporte, gasto R$ 12,00 (doze reais)".

No caso da Barra dos Coqueiros, ganha mais se for vender diretamente no mercado, do que se for entregar na fábrica. Entregando é melhor por não ter despesa. Às vezes na feira tem tanta que sobra e a pessoa volta com as mangabas.

"Eu quero entregar e receber o dinheiro na minha casa".

Qual a melhor mangaba para ser vendida? Onde? Quando?

A melhor mangaba é a "de caída" ou a bem "de vez". A mangaba branca é mais procurada.

O melhor lugar é entregar em casa. Para levar para Aracaju, paga transporte, passagem e ainda paga na Ceasa. Na Barra dos Coqueiros, pode ser levada para Aracaju e para a Fábrica de Pirambu, que já está funcionando, mas não está comprando agora, por não ter mais onde armazenar a mangaba e as polpas, uma vez que ainda não tem comércio certo e está tentando acertar com uma empresa que fornece alimentos para creches, escolas, etc.

A melhor época de vender mangaba é no início e no fim da safra, principalmente no início.

A gente da Sapucaia vende nas feiras de Japaratuba, Laranjeiras, Maruim e Pedra Branca.

A quem é mais lucrativo vender?

Existindo a fábrica, fica mais seguro e melhora o preço, então é melhor a própria catadora entregar.

A gente tem que buscar vender onde pagar mais. A própria catadora vendendo na fábrica, não vai ser explorada pelo intermediário.

A Conab é uma alternativa para vender a polpa, pois paga melhor. A Associação do Alagamar já foi contatada para se cadastrar e, assim, os agricultores poderem vender os seus produtos.

Devemos procurar a fábrica que tiver mais recursos e pagar melhor.

Quem deve fazer a venda, a catadora ou intermediário?

Depende, se tiver a fábrica, a própria catadora; quem não gosta de vender, entrega para o intermediário. Tem que correr para onde tiver dando mais.

Como obter melhores preços?

Divulgar o produto lá fora. Reunir todas as associações dos diversos povoados para debater sobre o que fazer. Convocar os órgãos e fazer um fórum. Buscar comércio para a fábrica. A mangaba é mais segura que o artesanato de palha de licuri. Mesmo que sofra, sabe que vai vender e recebe na hora. O chapéu (de palha) não, dura até quatro meses para receber.

O que fazer para usufruir da mangaba fora da safra?

Hoje tem que esperar a outra safra. Ter uma fábrica que compre a produção e armazene a polpa para vender quando tiver preço. Agora, o sistema da fábrica tem que ser comunitário; que a catadora armazene e receba pelo valor da sua polpa, deixando uma parte para a fábrica. Essa era a idéia da fábrica que era para o Alagamar e foi levada para Pirambu. A catadora deve participar dos lucros, não pode ser somente do dono da fábrica.

"Tem gente que não vende na fábrica dos sem terra de jeito nenhum. Pode botar o preço que for". (uma catadora referindo-se à fabrica em construção no assentamento contíguo ao Povoado Alagamar.

A fábrica tem que ser comunitária e armazenar a colheita das catadoras.

Além dos frutos, que outros produtos são feitos da mangaba?

Suco, polpa, picolé e geladinho, doce e geléia.

Alguém faz?

Aqui tem gente que faz geladinho e todo mundo faz suco. Polpa, doce e geléia ninguém faz.

Encaminhamentos finais

Com a chegada das catadoras de mangaba do Povoado Carro Quebrado, foi procedida uma rápida apresentação e, em seguida, foi realizada uma exposição sintética com o objetivo de resgatar e socializar com as recém-chegadas as atividades e discussões ocorridas durante a parte da manhã.

Ainda foi apresentada uma síntese da situação em Barra dos Coqueiros e prestado os informes sobre a Reunião com a CNPCT, realizada em Salvador.

Antes do encerramento das atividades, a coordenação estimulou a discussão sobre os acontecimentos mais recentes, especialmente em relação às ações do Grupo da Cadeia Produtiva da Mangaba, coordenado pela Secretaria de Estado da Agricultura, sobre a reabertura da fábrica de polpas de Pirambu e o corte de

mangabeiras. Dessas discussões foram trocadas informações importantes e estabelecidos alguns encaminhamentos, a saber:

1) As reuniões sobre a gestão da fábrica de polpas acontecem toda quarta-feira, às 14 horas, em Pirambu, na Associação de Bem-Estar.

2) As catadoras demonstraram interesse em saber mais sobre a fábrica. A falta de informações é total e as catadoras não estão inseridas no processo, como se não fossem atores importantes da cadeia produtiva.

3) As catadoras, através de seus representantes, devem procurar saber como funciona a fábrica e outros aspectos de interesse das catadoras e repassar essas informações.

4) As catadoras decidiram participar da próxima reunião sobre a fábrica de polpas através de seus representantes, que repassariam as informações dos resultados da reunião aos demais.

5) Em Carro Quebrado, as áreas de catar mangaba que ainda restam também estão sendo desmatadas para plantio de eucalipto.

6) Deve-se buscar o apoio do Ministério Público Federal, para impedir o corte das mangabeiras.

3.3. Povoado Pontal, Indiaroba: catadoras em conflito

Número de participantes: 31

A Abertura do evento do Povoado Pontal ficou novamente a cargo de Dalva que coordenou uma apresentação breve e descontraída dos participantes. Todos os catadores e catadoras presentes haviam participado do I Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe. Deve-se registrar que nesta Capacitação estiveram presentes a Sra. Maria Elisa Guedes Vieira, observadora e representante da CNPCT, Brasília, DF, indicada pelo Sr. Aderval Costa Filho – Coordenador do Núcleo de Povos e Comunidades Tradicionais do MDS; Célia Pereira, chefe do Centro Nacional de Populações Tradicionais (CNPT), do ICMBio, em Brasília, DF, e Ana Torres, técnica do Ibama-SE; os Senhores Thácio, presidente da Associa-

ção do Povoado Pontal, e Adinaldo do Nascimento Santos, assentado em área de reforma agrária, vereador do município de Indiaroba, membro da Associação dos Assentados e Agricultores da Região Sul e Articulador Local do Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar.

Informações sobre a Reserva Extrativista

Essa etapa da Capacitação Solidária teve início com uma atividade objetivando esclarecer as catadoras sobre o que é uma Reserva Extrativista (Resex), contando, para tanto, com a colaboração de Célia Pereira, chefe do CNPT-ICMBio, que fez uma exposição sobre a temática, lembrando que é a quinta vez que visita o povoado, para realizar atividades relacionadas à criação da Resex proposta para a Região do Litoral Sul Sergipano. Explicou o que é uma Resex, enfatizando que é um tipo de Unidade de Conservação que pode e deve ter gente e o seu principal objetivo é garantir os direitos de uso da terra pelas populações tradicionais.

Comparou a situação dos catadores de mangaba com a dos seringueiros. Em 1990, a Resex "Chico Mendes", no Acre, foi importante porque garantiu o acesso das populações ao uso da terra de diferentes formas. A partir daí, outras reservas surgiram (pescadores, marisqueiros, quebradeiras de babaçu), existindo, hoje, 56 Unidades desse tipo no Brasil.

O Ibama recebeu carta com 1.200 assinaturas de pessoas dos Municípios de Indiaroba, Santa Luzia do Itanhy e Estância, solicitando a criação de uma Resex. Desde 2006, diversas reuniões estão sendo realizadas na região para explicar o que é esse tipo de unidade de conservação. Sempre enfatizando que a Unidade de Conservação só é criada pela vontade do povo, por meio de carta, com assinaturas.

Etapas para criação da Resex do Litoral Sul de Sergipe:

1.Carta de solicitação assinada pela comunidade extrativista;

2.Visita do ICMBio para explicar o que é Resex;

3.Solicitação do ICMBio à Universidade de um diagnóstico sócio-ambiental, e

4.Levantamento fundiário e identificação de quem são as terras.

Ainda foi informado que a maior parte das áreas são terras de domínio da União (terras de Marinha). Foram solicitadas informações através de envio de cartas para todas as prefeituras, Marinha e Incra. Essas cartas foram enviaram em 06/03/2008. Continuando, apresentou o mapa com proposta da área abrangida pela Resex, com a inclusão de parte do Município de Itaporanga d'Ajuda e exclusão das áreas localizadas nos povoados, pois nem todos são extrativistas. Contempla apenas as áreas de uso comum. Se for criada conforme o mapa, as áreas particulares serão desapropriadas. A terra passa a ser de todos e todos têm direitos iguais.

Em sua fala, Célia orientou que cabe a cada um fiscalizar e acionar o Ibama, em caso de irregularidades. É importante o trabalho coletivo e é necessária a criação da Associação da Reserva. Não é necessário que a pessoa more dentro da Resex para fazer uso da mesma. A decisão, sobre quais atividades poderão ser exercidas, deve ser coletiva, devendo constar do Plano de Manejo da área.

As pessoas podem se (des)associar a qualquer hora, mas, para voltar a fazer parte da Resex, tem que ter consenso da comunidade. Só entra na Reserva quem tem concessão dos moradores. Atividades exploradas por pessoas externas são permitidas, mas sempre com o aval dos associados. As catadoras de mangaba são uma grande família. Os grupos ou as comunidades tradicionais sempre foram esquecidos e, o pouco que conseguiram, foi depois de muita luta.

Após a explanação de Célia, foi aberta a palavra aos presentes.

Dalva faz um relato sobre a visita a uma Resex no Acre, dizendo que cada um continuou no mesmo pedaço de terra. Apenas impediram que outros se apropriassem de suas terras. Uma vantagem da Resex é proporcionar a garantia de uso da terra por um longo período. A desvantagem é exigir uma mudança de cultura individual para coletiva.

As catadoras explicitaram questionamentos à expositora, afirmando que a maioria daqueles que tem terra não quer a Resex.

Célia explicou que o povoado não está incluído dentro dos limites da área da Resex.

Ainda perguntaram se, com a implantação da Resex, poderiam continuar cultivando ostras.

Célia esclareceu que os criadouros podem continuar, desde que licenciados e estejam constando como atividades previstas no Plano de Manejo. O selo da Resex pode valorizar o produto.

Ainda foi informado que os moradores da Resex também podem ser beneficiários dos créditos destinados às famílias assentadas nas áreas de assentamentos da reforma agrária.

Alicia, presidente do MCM, tomou a palavra e falou: "as catadoras têm que pensar nelas, tomar decisões por elas".

Ana Torres, do Ibama-SE reforçou a importância do trabalho coletivo e o envolvimento da comunidade em todo o processo de criação da Resex.

Para situar todos os presentes e socializar as informações, Dalva faz uma retrospectiva das ações vinculadas à pesquisa com a mangaba na Embrapa:

1. Traçou um breve histórico dos trabalhos com os recursos genéticos da mangaba e com as comunidades locais que o manejam.

2. Relembrou o I Encontro das Catadoras de Mangaba de Sergipe, onde ocorreu a criação do MCM, no qual cada município tem a sua representação.

3. Informou sobre o cancelamento da visita ao Estado do Maranhão, para conhecer a experiência das quebradeiras de babaçu, salientando, porém que os recursos que estavam previstos para aquela atividade, foram utilizados para viabilizar a participação de algumas catadoras de mangaba na Reunião Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais, realizada em Salvador, BA, para a qual foram convidados os membros da Comissão das localidades que estão enfrentando uma situação mais crítica (Pontal, Alagamar e Barra dos Coqueiros).

A maioria das pessoas da CNPCT, presentes em Salvador, não conhecia as catadoras de mangaba. Alicia, presidente do MCM e representante de Indiaroba na Comissão, gostou de poder conversar sobre a situação do Pontal com pessoas diferentes. Conheceu outras populações que se encontram na mesma situação, possibilitando troca de experiências com outros grupos.

Debate sobre a atual situação do Povoado Pontal

Alicia diz que o Pontal está sem mangaba (poucos frutos e de péssima qualidade). As áreas cercadas estão crescendo. Depois que as catadoras começaram a se unir os proprietários começaram a cercar suas áreas.

"Muitos atravessadores estão comprando mangaba verde por um preço muito baixo. Ocorre desperdício e quebra dos galhos das mangabeiras. Há uns anos atrás, elas catavam a mangaba de queda. Hoje, não acham porque falta compreensão das catadoras".

Na opinião de uma catadora, "catam verde porque precisam sobreviver".

Para Alicia, não é desculpa. Poderiam estar vendendo para a Conab que só aceita mangaba de boa qualidade. As mangabas que a Conab recebe não são do Pontal, por que as mangabas já são de péssima qualidade. Assim, têm que catar na Bahia, que fica do outro lado do rio Real.

"Nós não ficamos sabendo na época de entregar o documento à Conab. As catadoras têm que se unir e compartilhar informações", reclamaram algumas catadoras.

Segundo Adinaldo do Nascimento Santos, da Associação dos Assentados e Agricultores da Região Sul e, também Articulador Local do Programa de Aquisição de Alimentos, oito catadoras estão envolvidas. A maioria não quis por desconfiança ou com receio de perder o recurso do Defeso do caranguejo e da pesca.

Resultados das discussões nos grupos de trabalho

Em seguida, com uma pequena alteração na metodologia proposta, os presentes foram divididos em três grupos de trabalho e não nos quatro grupos temáticos inicialmente previstos, uma vez que o tema 3. Colheita, pós-colheita e transporte foi redistribuído entre os Grupos 2. Gestão do recurso (incorporou o tema Colheita) e 4. Comercialização (incluiu os temas Pós-colheita e Transporte). Dessa forma, os grupos de discussão com os respectivos coordenadores ficaram assim distribuídos: Grupo 1) Acesso ao Recurso – Dalva; Grupo 2) Gestão do Recurso – Josué; Grupo 3) Pós-colheita, Transporte e Comercialização – Raquel

Fernandes. Dos trabalhos de grupo, além das catadoras do Povoado Pontal, participaram das discussões, durante todo o Encontro, os Senhores Thácio e Adinaldo.

Após as discussões nos grupos, os resultados foram relatados em plenária, os quais são destacados a seguir, resguardando, novamente, a forma de apresentação de acordo com a dinâmica acordada em cada grupo:

1) Grupo 1. Acesso às plantas

No passado

A terra era livre e as mangabeiras também, cada um podia tirar à vontade e fazer dos frutos o que queria

As terras tinham dono, mas eram abertas, sem cerca. Os donos não se importavam que as catadoras pegassem mangabas.

Não tinha nenhum tipo de conflito entre catadoras e proprietários.

No presente

Tem gente de fora que compra os terrenos pra construir casa, viveiros de camarão, plantar coqueiro, etc. e corta as mangabeiras. Quem vende a eles são as pessoas daqui que não querem que as catadoras colham as mangabas.

Tem gente que colocou cerca e apenas os empregados podem tirar mangabas.

Como fazer para garantir o acesso?

O governo deveria comprar uma área que ficasse livre para as catadoras catar.

As catadoras deviam se unir para administrar essa área.

Se não houver a compra da área pelo governo, daqui a alguns dias, não vai ter onde tirar mangaba.

Boas e más experiências de acesso às mangabeiras

Todas as áreas eram abertas há 10 anos.

Hoje, de área aberta, só tem os sítios de Dona Edite e o de Salete.

O lado positivo dessa experiência é que cada um tira mangaba tranqüilo, sem medo de levar uma cadeia, de levar uma carreira, de levar um tiro.

Mesmo assim, o trato com as mangabeiras é horrível: derrubam mangabas verdes; quebram galhos; derrubam muitas folhas; e cortam as galhas para pegar frutos de facão.

Os porquês dos maus tratos

Tanto criança quanto adulto maltratam as plantas ou as pessoas de fora porque não tem consciência e querem as frutas tudo naquela hora.

Alternativas

Maior comunicação para evitar danos às plantas pelas crianças e adultos (se reunirem).

Ensinar às crianças, em casa e na escola, a preservar melhor a natureza.

As catadoras que têm pés de mangabeiras suficientes (30 plantas) devem evitar catar mangaba nas áreas livres.

2. Grupo 2. Gestão do Recurso

Neste grupo, estavam presentes os filhos de Dona Edite (Leonete e Geraldo) que catam mangaba na área que ela destina às catadoras do Pontal. Eles reclamaram muito que as catadoras não zelam pelas mangabeiras.

As catadoras devem tirar a mangaba com um gancho e não quebrar os galhos. Os adultos tiram e as crianças apanham do chão. As crianças não podem tirar porque elas tiram verdes.

Hoje em dia, está ocorrendo um problema: a própria comunidade quebra os galhos e “esbagaçam” tudo. “Tem que ter compreensão de não quebrar os galhos”. “Tem gente que corta por gosto”. Os proprietários que deixam catar estão preocupados. Tem uma compradora que está fazendo com que as catadoras tirem mangaba verde, porque ela não faz seleção.

Não há nem mangaba madura para fazer novas plantinhas.

Acontece que muita gente tira do mesmo pé. Tira verde nesta semana, e na próxima não vai ter fruto.

Esse fato vem ocorrendo há cerca de cinco anos e isso acontece porque está existindo uma grande procura pela mangaba.

As próprias catadoras não estão preservando as mangabeiras.

"Tem que ter uma reunião das catadeiras para definir as regras".

Muitas catadoras tiram os galhos secos e os "enxertos" (erva que mata a mangabeira).

Além do sítio de Dona Edite, o povo também cata no sítio do prefeito.

No Pontal, existem cerca de 140 catadores. A maioria não cuida das mangabeiras. Vem gente de fora (Povoados Preguiça e Convento, duas comunidades próximas) catar mangaba no Pontal. Segundo as catadoras, esse pessoal também maltrata as mangabeiras.

Há um conflito no Pontal: quem é catadora da Rua de Baixo não cata na Rua de Cima.

Não compensa ir à feira, nem vender a Rita (a compradora).

Há 40 anos, Ceminha e Acilene iam para a feira vender mangaba, aratu e camarão.

É melhor ter uma área de mangabeira e cajueiro que dá dinheiro. Não é certo desmatar. "Não é certo cortar os pés de pau".

A mangaba nasce após os bichos defecarem. Às vezes é a raiz que dá a muda.

Tem muita mangabeira nova, mas os donos estão arrancando. "Régis (um proprietário de terra) disse que ia arrancar tudo".

Antigamente, as catadoras escolhiam as mangabas amarelas e rejeitavam as vermelhas.

Tem pé que dá mais que outro.

As catadoras nada fazem para aumentar o número de plantas, porque a área não é delas e muitas não sabem fazer.

Animais que se alimentam de mangaba: calango, papagaio, passarinhos, sanhaçu, galinha, rato, boi, macaco, preá, raposa, cobra.

Plantas que vivem na mesma área da mangabeira: cajueiro, amescla, maçaranduba, pau-pombo, umbaúba, murici-de-galinha, aricuri, grajeru, angelim, ingá, louro, sete-casco, murta, pau-cinza, cambuí (que faz licor, suco, batida e geladinho), araticum, araçazinho, sambaíba (folha para arear panela), aroeira, malva, carqueja, palma-santa, capim rabo-de-raposa, carrapicho, cansanção, cabeça-de-frade, mandacaru, patioba, piaçaba.

3. Grupo 3. Pós-colheita e comercialização

Pós-colheita: como fazem para garantir um bom amadurecimento do fruto?

Colher o fruto de vez. Quando chega em casa, lava e coloca os frutos em vasilhames abertos, cobertos por folhas de plantas (amendoeiras, bananeiras). Não se deve usar jornal, saco de cimento ou saco de vitamilho (fubá de milho), pois sujam as mangabas. Saco plástico é a pior opção, porque gruda nas mangabas.

Transporte: como os frutos são transportados sem perda e garantindo a qualidade? Qual o melhor tipo de embalagem e transporte?

Ainda no campo, colocam os frutos em baldes ou engradados. Quando chegam em casa, lavam, colocam de novo nos vasilhames para secar e só retiram no local da venda, para não machucá-los.

Qual a melhor forma de vender as mangabas? A quem é mais lucrativo vender?

As mangabas são vendidas nas feiras de Indiaroba e Estância “na pedra” (como chamam vender na rua, sem barracas) de R$ 0,50 a 1,00/L; diretamente, para donos de barracas nas feiras (R$ 30,00/60 L), para atravessadores (R$ 1,00/L) e para o Programa de Aquisição de Alimentos (R$ 1,50/L).

Atualmente, a melhor forma de vender é para a Conab, que compra pelo melhor

preço, oferece garantia de compra e é menos trabalhoso. A mangaba não pode estar verde nem madura demais. Seis mulheres levam a sua produção para a escola do povoado, onde é feita a pesagem pelo presidente da Associação dos Moradores de Pontal. Em seguida, duas catadoras levam os frutos para o hospital de Indiaroba. O transporte é rateado entre as seis catadoras. Chegando lá, as catadoras ajudam a selecionar os melhores frutos, para consumo imediato, daqueles que devem esperar mais tempo para amadurecer. Esses frutos não maduros são colocados em caixas forradas e cobertas por papel. Os frutos são servidos na forma de suco para os pacientes do hospital.

A polpa seria a melhor forma de comercialização se existisse uma fábrica de polpas no povoado. Porém, é mais lucrativo vender aos comerciantes (sorveterias, pousadas, restaurantes), segundo, aos atravessadores e, por último, às catadoras. Consideram essa situação injusta, porque são as catadoras que trabalham duro e correm riscos (picada de cobra, espinhos, etc).

O que fazer para usufruir da mangaba fora da safra?

Não souberam responder.

Além dos frutos, que outros produtos são feitos da mangaba?

Polpa. Pega a mangaba bem madura, passa na peneira de palha com a mão e bem devagar para não cair a casca. Coloca em sacos plásticos e congela.

Fazem suco e “gelinho” (conhecido também como ”geladinho”).

Outras informações e definições da Capacitação no Povoado Pontal

1. “Lei das catadoras de mangaba”. Para melhorar o diálogo e fortalecer o Movimento, foram realizados alguns acordos. As catadoras deverão:

1.Falar uma de cada vez;

2.Ser unidas;

3.Confiar no representante;

4.O representante deve comunicar tudo para as catadoras.

2. Quem pode ser chamada de catadora de mangaba?

5.Quem vive das mangabas na safra. Fora da safra realiza outras atividades.

6.Quem conhece a qualidade e o tempo da mangaba.

7.Quem conhece e preserva as plantas.

8.Quem trabalha duro, quando está catando (passa fome, sede).

Segundo Alicia, todos aqui são catadores. Se não fossem, não estariam aqui.

3. Na opinião das catadoras, o que é ser catadora?

Catadora de mangaba é quem vive da mangaba;

Catadora de mangaba é a que conhece tudo da mangaba: a qualidade, o tempo, o estado;

Catadora de mangaba também cata no mangue;

Catadora de mangaba é quem preserva o pé de mangaba;

Catadora de mangaba é quem faz um trabalho duro, passa fome e passa sede;

Catadora de mangaba é quem luta pelas mangabeiras e pelo acesso livre;

Catadora de mangaba é quem corre dos donos do sítio, muitas vezes deixando os baldes lá.

Observações complementares

1.No ano passado (2007), tinha mais planta disponível, mas agora os donos estão cercando, depois do "rebuliço" das catadoras.

2.Também teve pouca mangaba nessa safra.

3.Rita (compradora) compra mangaba de todo jeito. Daí não tem mangaba por causa disso também. Está havendo muito desperdício.

4.A Conab só compra mangaba "de vez". "A mangaba que entregamos à Conab vamos catar na Bahia, porque no Pontal já não tem mais de qualidade".

5.Como tem pouca mangaba disponível, está havendo extrativismo predatório. Hoje em dia, não se acha mais mangaba de caída.

6.Segundo as catadoras, "Temos que dizer à atravessadora que não vamos mais catar mangaba verde".

Por ocasião da Capacitação, foi escolhida a suplente de Alícia no MCM, como representante de Indiaroba. Foram inscritas três candidatas:

Ednalva – "cato mangaba desde criança, faça chuva ou faça sol", que obteve 8 votos;

Tânia – cata mangaba desde criança e quer ajudar todo mundo (11 votos). – Eleita suplente por maioria dos votos.

Josefina – é catadora, não tem vergonha e quer lutar pelas catadoras (5 votos).

Entendimentos e encaminhamentos sobre a Resex

1. As catadoras podem continuar catando as mangabas.

2. Fiscalização permanente da área. O governo tem que mandar alguém. Aqui as pessoas estão acabando com tudo.

3. Será que as terras do Pontal dão para todo mundo?

4. Apoio à Resex.

5. Dúvida: Quem paga as indenizações? Esclarecimento: O governo.

Como vantagem da criação da Resex no entendimento das catadoras foi ressaltado o maior área de acesso. E como desvantagens, foi salientado que era perder a terra que já possui. Segundo Célia, a Resex não contempla a área urbana do Pontal. Para as catadoras, se não for mexer nas terras do Pontal, está aprovado. Houve a solicitação de um mapa e uma caminhada transversal no Povoado para esclarecer quais os limites da Unidade de Conservação.

Sugestões dos grupos

1. O governo comprar uma área para acesso comum. Utilizar o mesmo movimento da Resex.

2. Conscientizar as catadoras para preservarem as plantas. Ensinar as crianças os cuidados com as mangabeiras e os frutos (não quebrar galhos, saber o que é mangaba "de vez" e mangaba verde).

3. Definir as regras de acesso às mangabeiras.

Encaminhamentos e responsáveis

1. Articular reunião com Ibama (Ana Torres) e Conab. Pauta: limites da Resex, visita a uma Resex (possivelmente, na Bahia) e Programa de Aquisição de Alimentos – Alícia.

2. Recebimento de cópia de documentos (Cédula de Identidade, CPF, certidão de casamento, comprovante de residência e comprovante de votação) para a inscrição no Programa de Aquisição de Alimentos - Thácio

3. Cuidar, ensinar às crianças e informar às catadoras ausentes sobre os cuidados com as plantas e frutos (não quebrar galhos, não catar frutos verdes) - Todas.

4. Fiscalizar se as regras estão sendo cumpridas – Todas.

5. Carta solicitando que o MCM tenha representação permanente na CNPCT – Dalva, Jane Velma dos Santos e Josué.

6. Repassar informações para o núcleo de Comunidades Tradicionais do MDS - Elisa.

Avaliação

As catadoras avaliaram a Capacitação como Excelente, porque:

1. Esclareceram-se algumas dúvidas.

2. Espera-se que os encaminhamentos sejam cumpridos.

3. Definiu-se a "Lei das catadoras", tendo como base a união entre elas.

ANEXO

ANEXO I – ROTEIRO DAS CAPACITAÇÕES

PROGRAMAÇÃO DA CAPACITAÇÃO SOLIDÁRIA DO MUNICÍPIO DE BARRA DOS COQUEIROS, SE.

03/03/2008

9h – Abertura (Dalva)

Saudação

Objetivo da capacitação (partilhar experiências e mobilizar para ação)

Informar das demais capacitações (Alagamar, Pirambu e Povoado Pontal, Indiaroba)

9h15 – Socialização:

Apresentação das pessoas (rodada todos. Nome, ocupação, local. Raquel)

Movimento das Catadoras de Mangaba – MCM (histórico) (Dalva)

Trajetória da equipe: das plantas às pessoas

Conhecimento de outros movimentos

Ampliação das ações (projeto capacitação)

Contato com pessoas-chave nos diferentes povoados

Encontro: todos os grupos indicaram a necessidade de uma atuação das catadoras. Escolha dos representantes das catadoras. D. Alaíde.

Formação da Comissão

Envio do relatório (mostrar um exemplar, falar da repercussão)

1ª Reunião da Comissão (distribuição de tarefas para as capacitações)

Importante: atuar, não esperar pela equipe

Viagem Salvador (Josué)

O que é a CNPCT?

Por que nós fomos a Salvador?

Escolha das participantes. Decisão pela facilidade de contato e legitimidade.

Contato entre as demais populações tradicionais

Apresentação da problemática das catadoras à Comissão

A inclusão das Catadoras como população tradicional

Compromisso da CNPCT em apoiar a luta das catadoras

Situação do extrativismo em Barra dos Coqueiros (Edilma)

10h – Capacitação Solidária

Trabalho em pequenos grupos com um animador (uma questão para cada grupo para depois socializar no grupão)

Grupo 1. Acesso ao Recurso (Dalva) Como garantir que as catadoras tenham onde catar mangaba? (o acesso às plantas está garantido? Se não, o que fazer? Se sim, como garantir a continuidade? O que ameaça o acesso? O que garante o acesso? Boas experiências de acesso)

Grupo 2. Gestão do Recurso (Josué) O que é feito para que as mangabeiras sempre darem bons frutos? (quais as práticas e cuidados que as catadoras fazem no lugar onde catam? O que é melhor (produção e ecologia): uma área só de mangaba ou uma área com mangaba e outras plantas? Por que? Como as catadoras escolhem as melhores plantas? Ou isso não acontece? O que elas fazem para aumentar o número de plantas?). Como catar a mangaba da melhor forma e mais rapidamente? E depois? (Colheita: Qual a forma correta de tirar mangaba, sem causar nenhum dano à planta? Como tirar uma mangaba bonita e boa para o comércio?

Grupo 3. Pós-Colheita e Comercialização (Raquel) Pós-colheita: como fazem para garantir um bom amadurecimento do fruto? Transporte: como os frutos são transportados sem perda e garantido a qualidade? Qual o melhor tipo de embalagem e transporte?)Qual a melhor forma de vender as mangabas? Qual a melhor mangaba para ser vendida? Onde? Quando? A quem é mais lucrativo vender? Quem deve fazer a venda (a catadora ou intermediário?). Como obter melhores preços? O que fazer para usufruir da mangaba fora da safra? Além dos frutos, que outros produtos são feitos da mangaba? Alguém faz?

12h30 - Almoço

13h30 – 15h - Plenária para exposição dos resultados dos trabalhos de grupo (Dalva e Josué)

Representantes de cada grupo

15h – Planejamento de ações futuras com distribuição de responsabilidades

Lista das ações a serem desenvolvidas

Priorização das atividades

17h – Encerramento

ANEXO II – LISTA DE PARTICIPANTES

Movimento das catadoras de mangaba de sergipe

Embrapa
Amazônia Oriental
Tabuleiros Costeiros

Lista de Presença

Curso: Capacitação solidária das catadoras de mangaba do Município de Indiaroba, SE
Local: Barra dos Coqueiros, SE **Data:** 07/03/2008 **Horário:** 8h às12h30 e 13h30 às18h
Promoção: Embrapa Amazônia Oriental e Embrapa Tabuleiros Costeiros
Coordenadores: Dalva Maria da Mota (Embrapa Amazônia Oriental) e Josué Francisco da Silva Junior (Embrapa Tabuleiros Costeiros)

Nome	Povoado/Município	Assinatura
Maria Nubia Conceição Santos	Pontal	Maria Nubia
Ivanice Martins Santos	Pontal	Ivanice
Maria Tânia da Conceição	Pontal	Maria Tânia
Eliane Severino dos Sts.	Pontal	Eliane
Manoel Messias da Conceição Santos	Pontal	Manoel
Josefina dos Santos	Pontal	Jinha
Sibonete da Conceição Santos	Pontal	Nete
Katia Rosane Santos Simas	Pontal	Katia
Thacio Martins do Nascimento	Pontal	[illegible]
Maria de Jesus da Silva Santos	Pontal	Minha
Ana [illegible] dos Santos Az	ARACATU (IBAMA)	[illegible]
Delma dos Santos Salvador	Pontal	Delma
José Lene Tavares dos Santos	Pontal	Nena
Iraclema dos Santos Tavares	pontal	Lema
Zoseta da conceição	Pontal	Zoseta
Iraci Silva Santos	Pontal	Iraci
Edvanilu Morais dos Santos	Pontal	Edvanilu
Edimundo Morais dos Santos	Pontal	Edimundo
Luciana maria dos Santos	Pontal	Lia
Rosângela Severino Santos	Pontal	Elica
Alícia Santana Salvador	Pontal	Alícia
Ana Maria Santos Torres	[illegible] / SE (IBAMA)	[illegible]
Maria Eliza Guedes Vieira	Brasília / MDS	[illegible]
Célia da Silva Pereira	JCNB/CNPT/Brasília	[illegible]
Nilton Hipolito dos Santos	Indiaroba / Sede (CONFEFAE)	[illegible]
Adivaldo do Nascimento Santos	Nossa Senhora do Socorro / Aracaju	[illegible]
Dilce Maria da Mota	Belém / PA	[illegible]
José Francisco Silva Junior	Recife - PE	[illegible]
Adriana da Conceição Martins	Pontal	Adriana
Adelina dos Santos Cruz	Pontal	Adelina
Edinaldo Tavares dos Santos	Pontal	[illegible]

Movimento das catadoras de mangaba de sergipe

Embrapa
Amazônia Oriental
Tabuleiros Costeiros

Lista de Presença

Curso: Capacitação solidária das catadoras de mangaba do Município de Barra dos Coqueiros, SE
Local: Barra dos Coqueiros, SE **Data:** 03/03/2008 **Horário:** 8h às12h30 e 13h30 às18h
Promoção: Embrapa Amazônia Oriental e Embrapa Tabuleiros Costeiros
Coordenadores: Dalva Maria da Mota (Embrapa Amazônia Oriental) e Josué Francisco da Silva Junior (Embrapa Tabuleiros Costeiros)

Nome	Povoado/Município	Assinatura
Ana Alves dos Santos	Barra dos Coqueiros	
Vera Alves Prince	Jatobá/B. dos Coqueiros	Vera
Edinalva de Jesus	Barra dos Coqueiros	Edinalva
Ana Maria Sto. de Jesus	Capoã	Ana
Cleide R. dos Santos	Olho d'água	Cleide R.
Edilma Alves Moura	Capoã	Edilma
Generaldo dos Santos	Igatimã	Generaldo.
Edson Santos Teixeira	Olho d'água	
Terezinha Requem Santos	Olho d'água	Terezinha
José Lucimar dos Santos	Capoã	
	Secretaria de Turismo BC	
José de Jesus		

Nome	Povoado/Município	Assinatura
Edilma Gustavo de Oliveira	BARRA	
Maria José dos Santos Prince	BARRA DOS COQUEIROS/SE	
NADIA BATISTA DE JESUS	ARACAJU/SE	Nadia Batista de Jesus
Dalva Maria da Mota	Belém/PA	
Josué Francisco da Silva Júnior	Recife - PE	

Movimento das catadoras de mangaba de sergipe

Embrapa
Amazônia Oriental
Tabuleiros Costeiros

Lista de Presença

Curso: Capacitação solidária das catadoras de mangaba dos Municípios de Pirambu, Japaratuba e Japoatã, SE

Local: Pirambu, SE

Data: 04/03/2008

Horário: 8h às12h30 e 13h30 às18h

Promoção: Embrapa Amazônia Oriental e Embrapa Tabuleiros Costeiros

Coordenadores: Dalva Maria da Mota (Embrapa Amazônia Oriental)
Josué Francisco da Silva Junior (Embrapa Tabuleiros Costeiros)

Nome	Povoado/Município	Assinatura
Emanuel Oliveira Pereira	INCRA/SE	
[illegible]	Santarém/PA	
[illegible]	Embrapa Tabuleiros Costeiros	
Nadia Batista de Jesus	UFS/SE	Nadia Batista de Jesus

Nome	Povoado/Município	Assinatura
Sônia dos Santos	Alagamar	Sônia
Sônia dos Santos	Alagamar	Sônia
Janete Santos Nascimento	Alagamar	Janete
[illegible]	Alagamar	[illegible]
[illegible]	Alagamar	Aparecida
Maria Dulcina dos Santos	Alagamar	[illegible]
Lucia Santos dos Santos	Alagamar	Lucia
Lucia dos Santos	Alagamar	Lucia
Zélia dos Santos	Povoado Santa Izabel	Zélia
[illegible]	Pov. Alagamar	[illegible]
Grisalda de Jesus Andrade	Pov. Alagamar	Grisalda
[illegible]	Pov. Alagamar	Maria
Claudia Santos Nascimento	Pov. Santa Izabel	Claudia
Sandra dos Santos	Pov. Santa Izabel	[illegible]
Marilena Santos de Jesus	Pov. Alagamar	Marilena
Maria Aparecida dos Santos	Pov. Alagamar	[illegible]
Daxanna da Conceição dos Santos	Pov. Alagamar	Daxanna
José dos Santos	Pov. Alagamar	José
[illegible]	Povoado Pereiras	[illegible]
Maria Vicente dos Santos	Alagamar	Maria
Jeniza dos Santos	Alagamar	Jeniza
Marli dos Santos	Alagamar	Marli
Izabel cristina c da Silva	Pov. Porteiras	Izabel

Nome	Povoado/Município	Assinatura
[illegible]	[illegible]	[illegible]
Rosemeire dos Santos	Pov. [illegible]	[illegible]
[illegible]	Pov. Siqueira [illegible]	[illegible]
[illegible]	Mafrinha	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
Maria de Lourdes [illegible]	Povoado do Cura	[illegible]
[illegible] dos Santos Rocha	Povoado Curo Guilherado	
Maria Francisca dos Santos	Povoado Curo Guilherado	
[illegible] Santos	Povoado Guilherado	
[illegible]	Povoado Curo Guilherado	
[illegible] da Silva	Pov. Curo Guilherado	
Maria [illegible]	Pov. Cerrito Jacobina	
[illegible]	[illegible]	
[illegible]	Pov. Cerrito [illegible]	
[illegible]	Pov. Cerrito [illegible]	
[illegible]	Pov. Cerrito [illegible]	
[illegible]	Pov. Cerrito [illegible]	
Maria da José Lopes	Pov. Cerrito [illegible]	
Jezima dos santos	Pov. Alagamar	

ANEXO III – FOTOS

CAPACITAÇÃO SOLIDÁRIA
DAS CATADORAS DE MANGABA

ANEXO IV – CARTA AO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Movimento das catadoras de mangaba de sergipe

Ofício MCM/Nº 01 /2008 Aracaju, 07 de março de 2008

À

Dra. Eunice Dantas Carvalho

M.D. Procuradora-Chefe da República em Sergipe

Ministério Público Federal

Av. Beira Mar, 1064, Praia 13 de Julho

Aracaju - SE

Excelentíssima Senhora Procuradora,

Através do presente, o Movimento das Catadoras de Mangaba do Estado de Sergipe (MCM) vem dar conhecimento dos recentes riscos que correm centenas de famílias de todo o litoral sergipano que dependem, diretamente, da oferta de recursos naturais para a sua sobrevivência, notadamente aquelas dedicadas ao extrativismo, como são as catadoras de mangaba e outras frutas nativas, os pescadores artesanais, marisqueiras, apanhadores de caranguejo, artesãos, entre outros grupos dispersos em dezenas de comunidades.

A respeito das populações tradicionais de Sergipe da importância sócio-econômica e ambiental dos recursos extrativos, a Embrapa e o Incra possuem estudos recentes que tratam da problemática vivenciada por essas populações, especialmente aquelas dedicadas ao extrativismo da mangaba.

As recentes mudanças no uso da terra e a ocupação desordenada da região costeira vêm reduzindo o espaço de trabalho dessas comunidades, devido à abertura de estradas asfaltadas e pontes; atividades turísticas e ligadas ao lazer; expansão da urbanização e agricultura. Mais recentemente, a carcinicultura, o turismo imobiliário, os plantios de eucalipto e o fomento às plantas produtoras de biocombustíveis, especialmente a cana-de-açúcar, são novos riscos para a conservação dos recursos naturais.

A valorização da terra e a privatização dos espaços de trabalho tornam as populações extrativistas ainda mais vulneráveis, significando, em muitos casos, a expulsão da população do local historicamente ligada há séculos.

Não obstante a importância sócio-econômica e ambiental do extrativismo, as mudanças observadas na região litorânea de Sergipe, assim como em outras regiões do país, são, em grande parte, estimuladas e financiadas pelo Estado, que não observa a existência dessas populações extrativistas, esquecendo de promover políticas públicas efetivas e favoráveis aos interesses das populações locais, as quais são entregues à própria sorte.

Um exemplo recente é a construção da ponte Aracaju – Barra dos Coqueiros, que valorizou as terras do Município de Barra dos Coqueiros, onde se verifica a especulação imobiliária, o que tende a suprimir áreas ainda voltadas para a produção agropecuária e o extrativismo, com impactos negativos para os recursos naturais e para a população local que se dedica a essas atividades, como evidencia o conflito envolvendo as catadoras de mangaba e o proprietário do Sítio São José do Arrebancado (Felizola), o qual, através do cercamento da área e do uso da força, vem impedindo o acesso das catadoras às mangabeiras nativas, como ocorria há mais de 40 anos. O caso é de extrema gravidade, uma vez que a "catação" da mangaba é meio de vida para muitas famílias, as quais, hoje, se encontram ameaçadas e sem essa importante fonte de renda, além de se constatar na área a ocorrência de crime ambiental com o desmatamento da regeneração da vegetação nativa da restinga, protegida por Lei, por fazer parte do Bioma Mata Atlântica.

Devido à importância sócio-econômica e ambiental do imóvel, localizado nas proximidades da Capital do Estado, com forte pressão imobiliária, o mesmo foi reivindicado pela Prefeitura Municipal de Barra dos Coqueiros, através da Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente, a qual sugeriu ao Incra a sua desapropriação visando à criação de um projeto de assentamento agroextrativista, para atender às famílias do local que há muitos anos fazem uso dos recursos extrativistas locais, principalmente da mangaba.

Assim, no Incra, foi aberto o Processo Administrativo Nº 54370.000195/2007-93, relativo ao Imóvel São José do Arrebancado, de propriedade do Senhor Fernando Felizola Freire. O Levantamento efetuado pelo Órgão apurou que a propriedade tem uma área registrada de 260,15 ha e área medida de 156,4254 ha, com Número de Módulos Fiscais igual a 31,2850, concluindo que o imóvel é classificado como Grande Propriedade Improdutiva e que não cumpre a função social.

O Incra constatou evidências de conflito social, em virtude da iniciativa do detentor do imóvel em proibir a continuidade da atividade extrativista por parte da população local, tendo, inclusive, registrado a iniciativa dos proprietários em isolar a área com a apressada construção de cercas.

Por ocasião do levantamento da área, o Incra registrou a importância da vegetação nativa para a população local, bem como a sua significância ecológica Salientando a necessidade de ações ambientais voltadas para a preservação e manejo sustentável da vegetação de regeneração, sobretudo pela sua importância sócio-econômica e ambiental, pelo fato de várias famílias terem na coleta de frutas nativas (mangaba) a base de sua sustentação. Justificando ainda, os cuidados necessários para a conservação da biodiversidade num espaço onde devem ser intensificados os processos de urbanização.

Desde o início de outubro de 2007, o processo encontra-se no aguardo do Decreto presidencial declaratório de interesse social, para fins de reforma agrária. Enquanto isso, o proprietário, numa tentativa de falsear a condição de abandono e improdutividade do imóvel, bem como o não cumprimento da função social da propriedade, dividiu a área entre seus filhos e construiu cercas perimetrais e divisórias, casas, além de promover o desmatamento da vegetação associada às mangabeiras e ao coqueiral decadente.

Diante do exposto, solicitamos a urgente intervenção do Ministério Público Federal no sentido de viabilizar ações que garantam o tratamento do conflito que envolve os catadores de mangaba de Barra dos Coqueiros e, de forma mais ampla, assegurar àquelas famílias e às demais comunidades extrativistas do Estado, livre acesso às mangabeiras nativas, impedindo imediatamente a sua derrubada, bem como da vegetação nativa do imóvel São José do Arrebancado e de outras áreas do litoral. Para tanto, sugerimos o envolvimento do Incra e dos órgãos de meio-ambiente (Ibama e Adema) na busca de alternativas que contemplem as catadoras de mangaba.

Esse é o relato que necessita de intervenção mais urgente, porém, em outras áreas do Estado de Sergipe, essa população tradicional de catadores também corre o mesmo risco de perder os recursos dos quais sobrevivem, bem como o acesso a eles. Caso semelhante dá-se no Povoado Pontal, em Indiaroba, cujas áreas de mangabeiras nativas estão sendo crescentemente cercadas para evitar o acesso das catadoras diante de recente onda de especulação com a terra na Linha Verde. Há relatos de caso em que os proprietários estão cortando e queimando as plantas a fim de evitar a entrada das catadoras em suas propriedades.

Certos de contarmos com a habitual atenção da Procuradoria da República em Sergipe, quando se trata da defesa do meio ambiente e dos interesses da sociedade, particularmente de uma população que vive na linha de pobreza, agradecemos desde já.

Atenciosamente,

Jane Velma dos Santos

Presidente do MCM/SE

ANEXO V – MOÇÃO DE APOIO ÀS CATADORAS DA BARRA DOS COQUEIROS

Movimento das catadoras de mangaba de sergipe

MOÇÃO

As catadoras e catadores de mangaba, participantes do Curso de Capacitação Solidária dos Municípios de Pirambu, Japaratuba e Japoatã, SE, reunidas no Povoado Alagamar, em 04/03/2008, e de Indiaroba, reunidas no Povoado Pontal, em 07/03/2008, se solidarizam com as catadoras de Barra dos Coqueiros, que estão sendo impedidas pelo proprietário do Sítio São José do Arrebancado (Felizola) de catar mangaba na área, como sempre fizeram há mais de 40 anos. A catação da mangaba é meio de vida para muitas famílias que, hoje, se encontram ameaçadas e sem essa importante fonte de renda. Ainda, cobram do Incra a urgente desapropriação da área do Sítio São José do Arrebancado, para garantir o livre acesso às mangabeiras para aquelas famílias que dali tiram o seu sustento.

ANEXO VI – EQUIPE COORDENADORA DA CAPACITAÇÃO SOLIDÁRIA

Movimento das catadoras de mangaba de sergipe

- Dalva Maria da Mota (Embrapa Amazônia Oriental) - Coordenadora
- Josué Francisco da Silva Júnior (Embrapa Tabuleiros Costeiros)
- Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues (Embrapa Tabuleiros Costeiros)
- Emanuel Pereira Oliveira (Incra-SE)
- Nádia Batista de Jesus (Universidade Federal de Sergipe)
- Heribert Schmitz (Universidade Federal do Pará)
- Jane Velma dos Santos (Adema-SE)

Embrapa

Tabuleiros Costeiros

Patrocínio

CNPq

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL